

**Liturgia e arte – uma síntese de elementos artísticos
para o encontro revelador do mistério salvífico de Deus**

*Liturgy and art – a synthesis of artistic elements
for the revealing encounter of the salvific mystery of God*

*David Bruno Narcizo**

RESUMO: A prática cristã tem como principal fundamento a vivência total do amor de Deus nas ações humanas. Além disso, essa vivência só acontece através da transformação de consciência de todos os fiéis, porém, para que haja essa conversão, é necessário uma mistagogia intensa e constante num processo de, a todo tempo, mudar a forma de pensar e encontrar o mistério de Deus que brota dEle e encontra os seres humanos. Jesus Cristo, o amor de Deus encarnado, no seu ato extremo de amor e entrega, manifesta na Cruz o seu amor e liberta toda a humanidade da escravidão do Pecado e permite um reencontro de toda a criatura com seu Criador, ou seja, Deus. A Igreja é o local onde, através dos sacramentos, mantém vivo este ato libertador, porém, o mistério de Deus está para além da história e, de forma objetiva, é principalmente na liturgia que Ele se manifesta e encontra todos os seres humanos. Os diversos atos de salvação realizados por Deus onde esteve manifesto o Seu Amor, teria se perdido na história e sido esquecidos se, algum ser humano não registrasse a experiência, dessa forma, a literatura registrou nos textos sagrados a ação salvadora e libertadora de Deus. Além disso, para manter viva a memória e propagar a mensagem contidas nos diversos acontecimentos e revelações, Deus e Jesus entregaram a Liturgia onde, nos diversos sacramentos, mantêm viva a memória e a Palavra. Os objetos necessários para este empreendimento são os diversos elementos artísticos distribuídos na liturgia. Dessa forma, valendo-se da literatura de Barth, Tillich, entre outros, este artigo objetiva apresentar de forma breve o fato de que Deus se revela na liturgia e nela, encontra a humanidade através dos diversos elementos artísticos criados pelos humanos, inspirados por Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Liturgia; Revelação; Salvação; Cultura.

ABSTRACT: The Christian practice has as its main foundation the total experience of God's love in human actions. Furthermore, this experience only happens through the transformation of the conscience of all the believers, however, for this conversion to take place, an intense and constant Mystagogy is necessary in a process of, constantly, changing the way of thinking and finding the Mystery of God which springs from Him and meets human beings. Jesus Christ, the love of God incarnated, in his extreme act of love and surrender, manifests his love on the Cross and frees all humanity from the slavery of Sin and allows every creature to reunite with its Creator, that is, God. The Church is the place where, through the sacraments, this liberating act is kept alive, however, the mystery of God is beyond History and, objectively, it is mainly in the liturgy that He manifests Himself and meets all human beings. The various acts of salvation

* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob Orientação do Prof. Dr. Pe. Antônio Manzatto. Bacharel em Teologia (2016-2020) pela Puc São Paulo. Técnico ator pelo Senac/Araraquara – 2005 a 2006. Integra o Grupo de Pesquisa Lerte – Literatura, Religião e Teologia.
E-mail: dbrunonarcizo@gmail.com

performed by God where His Love was manifest, would have been lost in History and forgotten if some human being did not record the experience, thus, literature recorded in the sacred texts the saving and liberating action of God. Furthermore, to keep alive the memory and spread the message contained in the various events and revelations, God and Jesus delivered the Liturgy where, in the different sacraments, they keep the memory and the Word alive. The objects needed for this undertaking are the various artistic elements distributed in the liturgy. Thus, drawing on the literature of Barth, Tillich, among others, this article aims to briefly present the fact that God reveals himself in the liturgy and, in it finds humanity through the various artistic elements created by humans, inspired by God.

KEYWORDS: Art; Liturgy; Revelation; Salvation; Culture.

1 Introdução

Existem diversas religiões e, cada uma delas, tem sua própria liturgia que mantém viva a memória das ações de uma determinada divindade na História de um determinado povo. Há, evidentemente, uma identidade exclusiva nas diversas liturgias, mas há também, em todas elas, um ou mais elementos que são congêneres. Assim, todas as liturgias, independente da tradição religiosa, tem elementos artísticos que constrói o fenômeno evidenciando o elemento transcendente daquela determinada religião.

Na tradição religiosa cristã, acontece da mesma forma, assim, todas as linhas das diversas tradições do seguimento do Cristo, trazem em sua liturgia, diversos elementos artísticos e, estes são os objetos visíveis das diversas práticas de culto.

As Igrejas Cristãs tradicionais têm a sua forma de conduzir seus cultos, as tradições Pentecostais têm a sua identidade específica na manifestação física da glossolalia e, na era contemporânea, as igrejas Neopentecostais têm suas várias formas de apresentar a sua liturgia. As paredes pintadas de preto e o sistema de luzes com uma banda tecnicamente bem entrosada são o elemento fundamental da liturgia da Igreja Bola de Neve, geralmente no centro das cidades e, a corporalidade dançante da manifestação do Espírito Santo, que muito se assemelha às danças populares Brasil a fora, são os elementos evidentes das inúmeras igrejas neopentecostais na atualidade, principalmente nas periferias das grandes cidades.

Assim, independente da forma que se dá o fenômeno, todas têm as artes, ou seja, a Dança, a Música, a Literatura, a Arquitetura, as Artes Plásticas e o Teatro como elementos físicos de manifestação do sagrado e do transcendente.

2 Fundamento Principal da Fé Cristã

A Fé Cristã está pautada no Evangelho, ou seja, na Boa Notícia. Ela é fundamentalmente a experiência de um Deus que, através do Encontro com seu povo, estabelece um Reino de Amor e de Justiça dentro da Terra que Ele mesmo entregou a toda a humanidade.

Esta é a base da revelação contida na literatura sagrada desde Gênesis à Apocalipse. Ou seja, o livro que começa com Deus a Criar uma Terra, e um Céu e finaliza com a escatologia do Novo Céu e da Nova Terra.

No primeiro livro do canon cristão está apresentado o empreendimento da Trindade, Pai, Filho e Espírito, no processo da criação do universo e da Terra onde Ele, através de Sua Palavra e Mãos, constrói toda a criação e também, um Jardim onde todas as tardes se propõe a Encontrar a Humanidade.

No Local do Encontro de Deus com a Criatura, o ser humano buscou seu próprio caminho e ter sua autossuficiência em relação ao Deus Criador. Sem sucesso nesse empreendimento, o próprio Deus, ao se compadecer do Ser Humano, busca o encontrar e constrói roupas de pele de animais para cobrir a vergonha e, assim, reestabelece o Encontro entre os seres humanos e, também, o Encontro do Humano com Deus.

Esse empreendimento será o motor central da literatura sagrada onde é evidente a Busca de Deus a se Reencontrar com o Ser humano através de obras criadas, agora, pelos próprios seres humanos. Este é o eixo central da narrativa bíblica que terá a sua expressão máxima na literatura e fenômeno do Êxodo e dos Juízes onde, após muito clamor por parte dos Judeus na terra da dominação do Faraó, são ouvidos e libertos pelo próprio Deus.

Ao chegar na Terra de Canaã, após serem conduzidos e protegidos no deserto, são governados por Deus e vivem um reino de amor e justiça expressos nos códigos (Decálogo [Ex20,1-17], Aliança [Ex 20,22-23,19], Santidade [Lv 17,1-26,46], Sacerdotal [Lv21,1-24] e Deuteronomico [Dt 12,1-26,19]) apresentados por Deus, ou seja, a Sua Lei.

Este eixo narrativo permeará toda a literatura bíblica expressa na profecia dos Profetas menores e maiores e também, na figura escatológica do Cristo em que o Filho de Deus, revelando a Trindade, estabelece o Reino na Terra e inicia a vivência da Nova Aliança, e orienta os humanos a se encontrar em Plenitude novamente com Deus.

Esse processo narrativo terá seu fim na literatura do texto de Apocalipse em que haverá um novo céu e uma nova Terra e Deus reinará sobre toda a humanidade.

3 Revelação da Libertação no Culto do Primeiro e Segundo Testamento

Figuras como Abel, Noé, Abraão, Jacó, Jó¹ e Moisés, são situações apresentadas na literatura bíblica com fio narrativo do Deus que se propõe a reencontrar a humanidade. Nestes sujeitos, a figura do altar e do Deus que fala com o humano é a cena expressa nesta literatura. A partir desses seres humanos, Deus constrói um mecanismo de encontro diário com a humanidade e compõe um povo que abre a experiência de salvação e libertação para toda a criatura e toda a humanidade

No primeiro testamento, vemos o Tabernáculo e o Templo sendo o local do encontro. Naquele local Deus, uma vez ao ano, se encontrava com o Sumo Sacerdote, ou seja, o representante de toda a humanidade ante Deus. Além disso, todos os dias, de manhã e a tarde, a figura do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo permite o Re-Encontro dos seres humanos com Deus, assim, é apresentado na figura dos animais e cordeiros sacrificados.

Encontramos também as sete festas judaicas como as três mais importantes: a Páscoa, Pentecostes e Tendras. Essas festas traziam também a confluência entre os seres humanos de qualquer nacionalidade e o encontro com Deus.

Na Páscoa, como apresentado no livro de Deuteronômio 14, 22-29, os dízimos, ajuntados durante o ano todo, eram partilhados com o pobre, viúvas, estrangeiros e sacerdotes para que todos pudessem viver a festa e encontro com Deus. O Pentecostes (Shavuot), traz hoje a marca do Atos 2 onde todos estavam no mesmo lugar orando e reunidos. Na festa das Tendras (Sucot) ou dos tabernáculos, a família monta uma tenda fora de casa para passar sete dias de festa.

Em todos esses momentos, havia também a lembrança da salvação e libertação do Povo de Israel da opressão do Faraó no Egito e a libertação e proteção de Deus no caminho até a Terra Prometida de Canaã.

Na literatura do Primeiro Testamento, encontramos uma liturgia diária num processo de busca do encontro dos seres humanos com Deus expresso e, na literatura do texto de Ezequiel onde, distante do Local da Presença de Deus, os Seres humanos são encontrados por Deus na figura da profecia do Trono de Deus no meio da Sua cidade Santa.

¹ Mesmo que a literatura de Jó tenha sido escrita no período grego com uma busca de apresentar um contraponto à Teologia da Salvação Retributiva, ou seja, aquela que acontece simplesmente pelas obras humanas, mas uma Teologia da Salvação onde os Justos também sofrem, apresento a figura de Jó justamente por ser este personagem um patriarca da linhagem de Isacar e que, enquanto contexto interno da narrativa, está situado no período tribal e patriarcal.

A liturgia do Velho Testamento é repleta de elementos que apresentam a busca pelo Encontro e, nesses objetos construídos por mãos humanas, através da inspiração de Deus, materializam o símbolo da salvação, reencontro e libertação de Deus para a humanidade.

O Segundo Testamento tem como fundamento o Filho de Deus, Messias Esperado e Deus encarnado, Jesus. Nesse momento, acontece a plenitude da Revelação de Deus na História da humanidade.

É n'Ele, Jesus Cristo, por Ele e para Ele que o universo foi criado como um teatro para o procedimento de Deus com o homem, e o procedimento do homem com Deus. O ser de Deus é Seu ser, e semelhantemente o ser do homem é, originalmente, Seu ser. E não há nada que não seja d'Ele e para Ele. Ele é a Palavra de Deus em cuja verdade todas as coisas são descobertas e cuja verdade não pode ser sobrepujada ou condicionada por qualquer outra palavra. (BARTH, 2017, p. 178)

No segundo testamento, encontramos uma liturgia pautada na partilha da Palavra e do Pão. Independente da tradição cristã, esses elementos estão presentes. Há o momento de oração onde todos, em unidade, levam a Deus suas orações. Há o momento do ofertório que alimenta o orçamento para organizar o espaço de culto aberto e também, para financiar a vida dos sacerdotes, além disso, financia a missão para enviar a mensagem e Palavra, para outras pessoas e nações, ou seja, promover o encontro.

Em todas as tradições cristãs, há também o momento da meditação na Palavra. A homilia ou, como proposto pela tradição protestante, a pregação, ministração ou exposição bíblica. Esses momentos têm por principal objetivo comunicação a ação salvadora e libertadora de Deus através do fenômeno Cristo.

Dessa forma, primeiro e segundo testamento promovem a manifestação física dos ensinamentos e acontecimentos que apontam para o Deus Judaico Cristão e sua atuação na comunhão e partilha. Assim, cada elemento provoca o encontro, partilha e memória da ação salvífica do Cristo e de Deus.

4 O Culto Cristão como Síntese de Elementos Artísticos

O Culto ou, como na tradição católica, a Missa, traz em sua liturgia todos os elementos artísticos. Há, independente da data comemorativa, culto específico ou evento religioso, no encontro, os elementos artísticos todos distribuídos na liturgia.

Ao entrar em qualquer espaço de culto, a céu aberto ou num espaço fechado, há uma arquitetura proposta. Em cada elemento, quando olhamos, observamos os objetos distribuídos no espaço com suas cores, texturas, elementos, etc., realizando uma grande arquitetura e obra

plástica. As estruturas das paredes podem ser de algum contexto histórico específico da idade média ou até as propostas dos diversos templos das igrejas na atualidade.

Ao olhar uma igreja Católica, o elemento da Cruz na porta e o formato da arquitetura logo sugerem a tradição da qual ela vem. Isso acontece também ao olharmos igrejas da tradição protestante como a Cristã no Brasil, Ass. De Deus, Adventista, Mórmons e Testemunha de Jeová. Nas igrejas da tradição Bola de Neve, o interior da Igreja, em sua maioria, escuro e com grande investimento considerável em equipamentos de som e luz, logo sugere que aquele local é daquela tradição religiosa cristã. Assim, a arquitetura do local já é um elemento que integra a mensagem de um determinado grupo e de uma tradição específica. Já apresenta uma identidade.

Dentro desta arquitetura, encontramos as roupas marcando a tradição que aquele grupo religioso faz parte. O terno e gravata já sugerem que este grupo seja protestante e pentecostal. As roupas mais despojadas e comuns do dia a dia, por outro lado, sugerem que seja das Igrejas mais contemporâneas. Se estiver com clérigima ou com a batina, já apresenta que é Católico, Anglicano ou Luterano e, claro, cada modelo de batina já sugerirá a linha específica de cada tradição ou ordem específica no interior delas. Dessa forma, a indumentária é um dos elementos que compõem o culto.

Dentro do espaço, encontramos a bíblia que traz a mito e os ensinamentos que fundamentam todo pensamento da religião cristã. Ela é uma literatura, e esta obra de arte dá a unidade da tradição religiosa; assim, a literatura também é base para a composição deste espaço. Além disso, podemos encontrar outras literaturas dentro do espaço de culto que comporá a liturgia (músicas escritas, missal, folheto da missa/culto).

Para as músicas, encontramos a melodia que delimita a tradição religiosa cristã e também provoca e norteia toda a liturgia do culto.

Por fim, encontramos as diversas cenas que compõem o fenômeno do culto. Quando olhamos a homilia/pregação ou até, no momento da distribuição do pão e do vinho, com a partitura de movimentos realizados no interior dos diversos fenômenos de cada tradição religiosa cristã, vemos um misto de arte dramática, performance artística e dança. Contemplamos a corporalidade do *intérprete sacerdote* e do *intérprete fiel* no determinado momento, ou melhor, na cena da comunhão a partilhar o pão e entregá-lo na mão ou na boca de cada fiél. Assim, há um subtexto, ou seja, a memória proposta pelo Cristo e a cena interpretada pelo sacerdote e pelo fiel.

Na experiência, o objeto, com sua presença, é fenômeno, e o sujeito é consciência. A consciência do sujeito retorna sobre o objeto para penetrá-lo e penetrar-se da sua

presença. Há uma interação entre sujeito e objeto, uma relação ativa entre a consciência e o fenômeno, entre a pessoa e o objeto presente. Desta relação surge uma linguagem, uma expressão, uma interpretação. (COSTA, 2014, p. 59)

Assim, vemos que o Culto traz em seu bojo vários elementos artísticos e, ao mesmo tempo que revela a tradição religiosa, revela também o mito que movimenta e motiva a existência do rito.

5 A Arte como meio de Provocação da Mistagogia

No espaço de culto, vivenciamos o mistério de Deus, revelado em sua totalidade através do Cristo e registrado nos diversos elementos artísticos (Arquitetura, Teatro, Dança, Música, Literatura, etc). Dessa forma, esses elementos tocam os iniciados na determinada prática religiosa e permite que vivenciem o Mistério de Deus.

Na experiência religiosa, falamos de uma relação interior do homem com uma realidade invisível que se realiza e que afeta o mais íntimo da pessoa. A experiência do transcendente não é redutível apenas às categorias do pensamento ou da percepção, já que a redução dos termos racionais atrairia essa transcendência. A razão alcança Deus como o incognoscível, inatingível, o não “possível” por si mesmo, que é algo muito diferente que dizer que não pode ser alcançado de modo nenhum. Na verdade, “o conhecemos como o desconhecido”. (COSTA, 2014, p. 55)

Neste momento, podemos constatar que, quando o fiel entra em contato com o culto religioso, é permitido que o mistério o toque através da literatura, da palavra, da música, das luzes, dos símbolos, etc., e assim, as sensações são *vivenciadas*. E, tendo sido iniciado no mistério da determinada prática religiosa, neste caso, o cristianismo, vivenciando a mistagogia constante numa catequese permanente, fiel e sacerdote vivenciam o mistério de Deus através dos elementos artísticos contidos dentro do espaço do culto religioso e na liturgia.

O termo mistagogia, vem do grego *mystes*, que significa iniciado, e *agein*, que significa conduzir (COSTA, 2014, p. 78). Assim, podemos afirmar que a arte conduz cada fiel para o interior do mistério possibilitando então, a iniciação cristã que permite que o mistério do Cristo esteja vivo e seja revivido em nós.

Sendo assim, a mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus, pela meditação, pela oração, pela celebração, pela proclamação e hermenêutica da Palavra. Nessa perspectiva, a comunicação cristã, iniciativa gratuita e amorosa de Deus, desde o acolhimento do iniciante assim como durante sua formação e acompanhamento. (COSTA, 2014, p. 55)

Neste fenômeno, o indivíduo é tocado e, as diversas sensações, como proposto por Xavier Zubiri, permitem uma experiência sensiente que muda mentalidades e modos de vida. Os diversos elementos provocam o indivíduo e o mesmo, num processo de mudança, consegue viver a experiência de uma nova vida em Deus.

Ao longo de toda a história, a Filosofia tratou muito detidamente dos atos de intelecção (conceber, julgar, etc.), em contraposição aos diferentes dados reais que os sentidos nos fornecem. Uma coisa, diz-se-nos, é sentir, outra é inteligir. Esse enfoque do problema da inteligência contém, no fundo, uma afirmação: inteligir é posterior a sentir, e essa posteridade é uma oposição. Foi a tese inicial da filosofia desde Parmênides, que veio gravitando imperturbavelmente, com mil variantes, em torno de toda a filosofia europeia. (ZUBIRI, 2011, Prólogo in COSTA, 2019, p.6)

Assim, a partir de Zubiri, podemos afirmar que os elementos artísticos contidos na liturgia agem nos sentidos, provocando o processo do inteligir, assim, apresenta um culto racional a Deus (Rm. 12,1) através dos sentimentos provocados no culto. Nesse processo, acontece a revelação de Deus no encontro dos seres humanos com os céus e com o próximo.

6 A Liturgia como Local do Encontro Revelador do Mistério da Salvação

Em toda a história bíblica e da tradição religiosa cristã, encontramos Deus procurando se revelar. A santíssima trindade procurou, desde o princípio, um meio de realizar a Sua revelação. Inicialmente foi através da Criação e depois, através das criações humanas que resultou na liturgia do culto. Assim, “o mistério está ‘envolvido em silêncio desde os tempos eternos’ (Rm 16,25) e ‘ninguém sabe o que é o Pai se não o Filho e aquele a quem o Filho O quis revelar’ (Lc 10,22)”. (CORNON, 2016, p. 20).

Há uma economia da Salvação e ela passa por todo processo de revelação de Deus que se inicia na trindade. Deus vai, dentro de toda a história da humanidade, entregando um pouco de si em um processo constante e permanente. A Igreja, iniciada no fenômeno Cristo, é a suprema revelação de Deus e, dentro dela, a liturgia, com os diversos elementos artísticos, é o ambiente de sua revelação. “Ele mesmo como Pai em Seu próprio Filho pelo Espírito Santo”. (BARTH, 2017, p. 72). Assim, “Igreja visível, pregação audível e sacramento operoso. Esses constituem uma área de objetividade entre e junto a muitas outras áreas de objetividade; mas isto é fundamentado no testemunho dos apóstolos e profetas que devem ser mostrados e aprovados objetivamente” (BARTH, 2017, p. 80).

A Revelação objetiva aconteceu em plenitude no fenômeno Cristo, porém, na Igreja acontece todos os dias, o Encontro de Deus com a humanidade. Neste ato, acontece a revelação da salvação de Deus inicialmente aos Judeus, depois aos Gentios de toda a Terra.

O rosto de Jesus fundamenta a Arte no cristianismo. O mergulho de Deus na carne glorifica a carne e a torna capaz de ver aquele que se deixa modelar pela argila humana que ele próprio modelou. O artista, em Cristo, não é um demiurgo, um idólatra. Ele é o discípulo do oleiro divino, que aceita, entre suas mãos, tornar-se seu filho e se torna inspirando-o. O rosto carnal de Jesus Cristo não só fundamenta, mas também legitima a representação de Deus. Certamente... No entanto, leiam o Evangelho: o rosto de Jesus sempre escapa. Em vão buscaríamos descrevê-lo. Reconhecemo-lo por sua voz, por seus gestos, até por seu olhar. Jamais por seus traços. Jesus presença é presença de ausência. “Não me retenhas... (PONNAU, 2006, p. 7)

No processo da revelação e de toda a manifestação teofânica de Deus, encontramos o seu amor expresso na busca constante da proteção e salvação dos seres humanos. Nos diversos processos de opressão descritos na literatura bíblica, encontramos Deus, através dos patriarcas, juízes, profetas, discípulos e apóstolos, salvando e libertando seu povo. A liturgia então, com o ápice na homilia/pregação e na eucaristia/santa ceia, é a expressão viva e evidente do amor de Deus materializado na lembrança e memória do sacrifício e da entrega da trindade materializada no Cristo na Cruz. Assim, a liturgia, com seus diversos elementos artísticos, manifesta a memória do amor de Deus encarnado e, novamente se encarna na Igreja nos diversos sacramentos sintetizados no culto e na Igreja.

O Culto então, é a Festa onde vivenciamos a alegria da salvação e da libertação e comemoramos a vitória do Senhor Jesus sobre o Pecado; dessa forma, “celebrar faz parte da natureza humana, e festejar é tão necessário quanto respirar. Os eventos que pedem celebração são aqueles que tocam o sentido da vida e os valores afetivos mais profundos” (COSTA, 2017, p. 59).

Quando a Igreja celebra, é Cristo quem atua por meio dos sinais sacramentais e opera a mesma salvação que operou sinais sacramentais e opera a mesma salvação que operou na ceia e na cruz. Aliás, é continuidade da sua obra por um caminho que ele mesmo constituiu. Portanto, a liturgia é o encontro sacramental com o amor amado. Desse encontro resulta a doação do amor derramado, que enche o nosso ser com o amor que nos liberta para amar. Daqui segue que celebrar a Eucaristia é preciso, mesmo sob o risco de morte, porque viver sem a Eucaristia não é possível, como diziam os primeiros cristãos. (...) Portanto, não se vive a vida cristã católica sem liturgia e, por outro lado, não se celebra a liturgia sem fé. E ainda, uma fé autêntica só se adquire por meio de uma iniciação cristã bem feita. Aí está a nossa fragilidade. (COSTA, 2017, p. 64)

Deus é Amor e, na liturgia vemos, sentimos e encontramos Deus e, neste procedimento, inteligimos sobre a Sua Revelação manifesta no Cristo e vivida pela Igreja nos elementos artísticos contidos na Liturgia.

7 Conclusão

Toda a criação é a manifestação do amor de Deus na história da humanidade. Nesse processo de expressar o Seu amor, Deus escolheu os pobres e as pessoas em sofrimento (físico e psíquico) para manifestar a sua Libertação e Salvação e, para manter sempre vivo este fenômeno, ele possibilitou que os seres humanos pudessem criar e, inspirados pelo próprio Deus, suas criações, além de revelar Deus, permite que haja um Diálogo e um Encontro.

A Igreja é o local do encontro com Deus através dos sacramentos e, os sacramentos são o sinal objetivo do Deus transcendente, assim, o Ser Eterno se manifesta de forma objetiva através dos sacramentos. A liturgia é o local que estão manifestos os diversos sacramentos, dessa forma, ela “ocupa lugar de destaque a liturgia, a qual, de acordo com o Concílio do Vaticano II, “é o cume para o qual atende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte que brota a sua força”. (HORTAL, 2015, p.12).

A forma do sacramento são diversos elementos semiológicos e físicos que, organizados, formam os diversos elementos artísticos que tocam os seres humanos presentes no fenômeno religioso. Dessa forma, na Liturgia, estão contidos os diversos elementos artísticos (Literatura, Música, Teatro, Dança, Arquitetura, etc) que materializam de forma objetiva o mistério transcendente de Deus. Portanto, ela é uma síntese de elementos artísticos que mantém a memória da ação salvadora e libertadora da humanidade através do poder de Deus e, na manifestação de Seu poder, expressa Seu amor, ou seja, a essência do Seu Ser.

Referências:

- BARTH, Karl. *Dogmática Eclesiástica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- _____. *Palavra de Deus e Palavra de Homem*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2017.
- CAZELLES, Henri. *História política de Israel – Desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo: Paulus, 2008.
- CORBON, Jean. *A Fonte da Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

- COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia Hoje – O resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a Evangelização e catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014.
- COSTA, Valeriano Santos da. *O Amor de Deus – Teologia da Redenção*. São Paulo: Paulus, 2019.
- HORTAL.S.J, Jesús. *Os sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- LIVERANI, Mario. *Para além da bíblia – História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus e Edições Loyola, 2008.
- MACKINTOSH, H. R. *Teologia Moderna – de Schleiermacher a Bultmann*. Itapetininga: Fonte Editorial, 2002.
- METZ, Johann Baptist. *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.
- PONNAU, Dominique. *Figuras de Deus na Arte*, tradução: João Moura Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- _____. *Textos Selecionados*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.